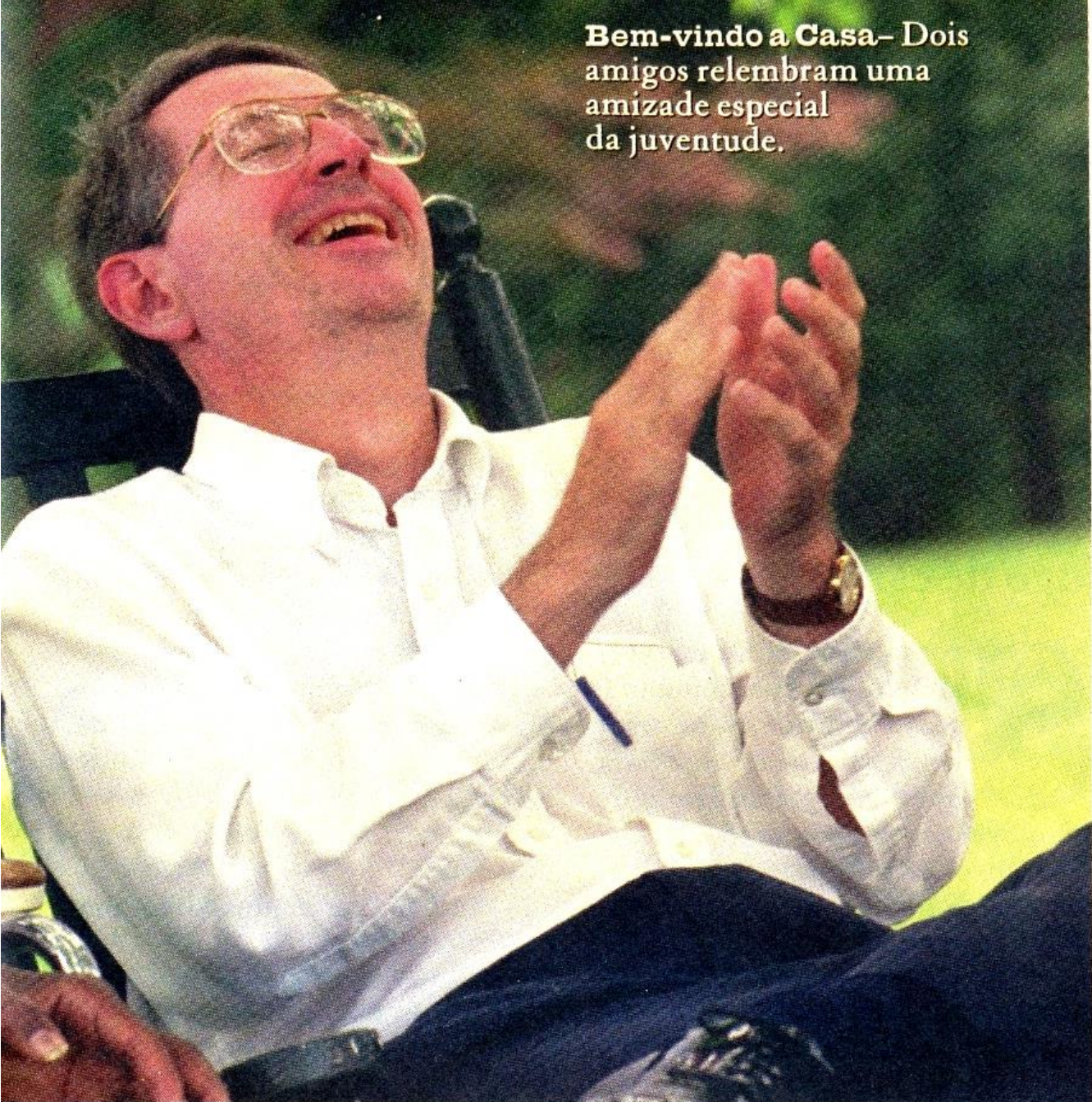




# Um lugar à mesa

*Eles enfrentaram dificuldades juntos –  
quando garotos e quando homens*

Por COLLIN PERRY



Bem-vindo a Casa— Dois amigos relembram uma amizade especial da juventude.

**A**lan Stoudemire olhava nervosamente pela janela do carro em Lincolnton, Carolina do Norte, onde crescera. O médico do Colorado voltara outras vezes para ver a família, mas essa viagem era diferente. Depois de passar pelo velho casarão onde

vivera a infância, o carro parou em frente a uma cabana sem pintura. Do outro lado do gramado, Boyce Blake e os irmãos, sentados ao redor da mesa, distraíam-se com um jogo de cartas.

**S**TOUDEMIRE hesitou. Apesar do ar condicionado, suava muito. Fora uma longa viagem até ali, e para quê? Podia a amizade de infância renascer após tantos anos?

O ruivo Alan Stoudemire conheceu Boyce Blake num dia de verão nos anos 50, quando ambos tinham cerca de 5 anos. Alan brincava no riacho que atravessava os fundos da propriedade dos pais, enfiando uma vareta em buracos que pareciam interessantes. Ao olhar para cima, viu um garoto negro a observá-lo do outro lado do córrego, com enorme cesta de amoras pendurada no ombro.

– Não sabe que são ninhos de cobra-d'água? – perguntou o estranho.

Embora apenas um riacho separasse as casas dos garotos, havia um oceano de preconceito e intolerância entre eles. Apesar disso, tornaram-se inseparáveis. Caçavam, pescavam e acampavam juntos. Boyce, conhece-

dor da natureza, sempre mostrava o caminho ao amigo.

Ele começou a chamar Alan de Zeke.

– Por quê? – perguntou Alan.

– Porque para mim você parece Zeke – explicou Boyce.

E, entre amigos, o nome de Alan passou a ser Zeke.

O conservador e religioso Boyce em geral era o mais prudente nas aventuras. Certo dia, apesar das advertências do amigo, Zeke teve a idéia de jogar gasolina num poço abandonado da propriedade do pai e atear fogo. A explosão atingiu o rosto de Boyce e o fez cair de costas.

O pai de Zeke logo surgiu e levou o garoto ensangüentado para casa.

– É melhor chamar dona Ruth – foi tudo o que disse ao filho.

Zeke correu para chamar a mãe de Boyce.

– Sinto muito, a culpa foi minha – confessou ele.

– Sei, sei, dois *diabinhos!* – disse dona Ruth, balançando a cabeça. – Ouvi a explosão de longe!

O castigo de Zeke foi passar o mês seguinte catando pedras e jogando-as, uma a uma, no poço de 18 metros, até enchê-lo. Não ficou sozinho um dia sequer. Boyce estava lá, trabalhando a seu lado sob o sol quente.

**Mundos diferentes.** A fazenda dos Stoudemires era fértil; a casa, confortável. Zeke tinha o próprio quarto e até o próprio cavalo.

Na outra margem do riacho, os Blakes e os 12 filhos viviam em al-

guns acres estéreis, numa pequena casa sem água corrente. Entretanto, sob o comando da matriarca Ruth, o chão estava sempre varrido e as crianças vestidas com asseio. Era uma das poucas famílias negras a possuir terra – concessão de um proprietário pelos serviços militares do senhor Blake.

No início, os mundos separados que Zeke e Boyce habitavam lhes pareciam naturais. Até que num verão a injustiça atingiu os dois garotos.

Enquanto as crianças brancas jogavam beisebol na quadra enfeitada, Zeke preferia juntar-se aos amigos negros no campo improvisado num pasto. Num dia de calor, Zeke montou no cavalo para ir refrescar-se na única piscina do local. Quando acenava para os amigos, Zeke percebeu que sentiam tanto calor quanto ele.

A piscina era para uso de veteranos de guerra, famílias e amigos, mas o pai de Boyce, assim como o seu próprio, estivera em combate no Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial. Zeke amarrou o cavalo no portão, atravessou a placa de “Exclusivo para sócios” e perguntou ao gerente, educadamente, por que não podia trazer os amigos negros para nadar.

– Bem, filho, eles não são sócios, são? – respondeu o gerente.

Zeke apontou para a piscina.

– Todas aquelas crianças brancas são sócias?

A expressão do gerente tornou-se hostil.

– Que negócio é esse, garoto?

Zangado, decidiu que se os ami-

gos não podiam nadar, ele também não iria. Enquanto o cavalo patinava sobre o riacho na volta para casa, Zeke teve uma idéia. E voltou ao campo de beisebol.

*E se represassem o riacho e fizessem um açude para nadar?*, pensou, entusiasmado.

Foi trabalho tedioso e exaustivo. Os garotos usaram lama, pedras, madeira, pneus velhos – tudo o que puderam encontrar. Em poucos dias construíram tosco açude, com profundidade suficiente para mergulhar depois dos jogos durante o resto do verão.

Os anos se passavam. O açude era desfeito a cada primavera e refeito a cada verão pelos garotos. Um domingo, depois de ir à igreja, Boyce e os três irmãos convidaram Zeke para jogar cartas. Boyce disse-lhe: “Até hoje nenhum garoto branco foi aceito no jogo.” Zeke juntou-se a eles, com seus lances e sinais sutis. Os Blakes zombavam amigavelmente da falta de jeito do novo jogador. A partida tornou-se hábito semanal.

**Quebrando um ciclo.** Em setembro de 1968, a integração racial foi introduzida nas escolas secundárias exclusivas para brancos de Lincolnton. Boyce, olhos semicerrados à luz da manhã, desceu do ônibus num mar de rostos brancos emburrados. As crianças negras que estavam com ele aglomeraram-se ao lado do ônibus e os brancos formaram um círculo ao redor deles. Por alguns instantes, os dois grupos pareceram congelados e

perigosamente silenciosos. O espaço entre eles estava carregado de tensão e violência potencial.

Zeke aproximou-se da roda externa de brancos. Esticando-se sobre as cabeças, podia avistar Boyce em pé com os outros negros. Mas algo que viu no velho amigo causou-lhe frio tremor: pela primeira vez na vida, Boyce Blake parecia realmente assustado.

– Com licença, com licença, por favor – pediu Zeke, abrindo passagem pela multidão.

Então, com todos os olhares concentrados nele, atravessou a curta distância que separava os grupos.

– Procurei você por todos os lados – disse um Zeke de sorriso nervoso, agarrando a mão de Boyce e sacudindo-a vigorosamente. – Bem-vindo ao Colégio Lincolnton.

Boyce nada disse enquanto caminhavam juntos em meio à multidão segregada, silenciosa. Depois, com os outros negros logo atrás, continuaram a subir os degraus para o primeiro dia de aula.

**De repente.** Os anos se passaram e os garotos superaram as primeiras fases da vida. Após a formatura, Zeke foi para a Universidade da Carolina do Norte, depois para a faculdade de Medicina e residência no Centro Médico da Universidade do Colorado.

Boyce foi o primeiro Blake a frequentar a universidade, fonte de grande orgulho para a família. Depois de dois anos na faculdade local, arranhou emprego numa fábrica de

papel de Lincolnton, onde se tornou supervisor.

Com o passar do tempo, cada um deles se casou e perdeu completamente o contato com o outro. Então, aos 28 anos, Stoudemire foi vítima de câncer ósseo. A perna direita teve de ser amputada acima do joelho. Por causa da quimioterapia, perdeu quase 14 quilos.

Stoudemire agora mancava sobre muletas e uma perna artificial. Sentia-se profundamente só. Os “amigos” haviam parado de ligar. Nem o trabalho, nem o apoio carinhoso da mulher podiam aliviar-lhe o sofrimento. Toda a brilhante promessa de sua vida parecia ter chegado a um fim precipitado.

Um dia, o telefone tocou.

– Olá, velho camarada, estamos procurando um parceiro para o jogo e acho que você é muito bom.

A voz de Blake foi como um tônico. Ele soubera dos problemas do amigo pela família, e os dois conversaram durante uma hora. Antes de desligar, Blake o fez prometer que “pegaria o primeiro avião” e iria vê-lo.

Agora, o carro alugado parado diante da cabana, Stoudemire avistava Blake à mesa de jogo. Boyce estava exatamente da maneira que ele se lembrava: musculoso, cheio de saúde e disposição.

Stoudemire hesitou. *Certamente não temos mais nada em comum*, pensou. *Talvez esta visita não tenha sido boa idéia.*

Por fim, saiu do carro com difi-

culdade, apoiou-se nas muletas e começou a atravessar o gramado.

— Olá, Zeke! — Boyce virou-se para o amigo, o sorriso generoso como sempre. — Puxe uma cadeira.

Quando Zeke se sentou, dona Ruth surgiu para guardar as muletas e servir-lhe um copo de limonada gelada.

— Sabe — começou Ruth, com a mão no ombro dele —, sempre costumávamos guardar um prato para você, caso aparecesse para jantar. Vou pegar seu prato outra vez. Bem-vindo, Zeke.

Stoudemire só conseguiu balançar a cabeça, os olhos cheios de lágrimas.

— É melhor prestar atenção ali no velho Zeke — disse Boyce, aliviando a tensão. — Aposto que ele tem um monte de cartas escondidas naquela perna de madeira.

Todos riram. Era bom estar em casa.

**Lado a lado.** Durante o tempo que Stoudemire passou em Lincoln, a depressão começou a ceder. Quando voltou para o Colorado, encontrou novo rumo para a vida profissional: o tratamento psiquiátrico de pessoas que sofriam de doenças

graves. Aceitou o cargo de professor na Universidade Duke em Durham, Carolina do Norte e, com a mulher, mudou-se para o sul. Depois, pediu transferência para a Universidade Emory, em Atlanta.

Nunca mais perdeu contato com Blake. Falavam-se por telefone toda

semana e visitavam-se com frequência. Anos depois, comemoraram o nascimento da filha de Stoudemire, Anna, e do filho, Will, além do nascimento do filho de Blake, B. J., que veio fazer companhia à irmã mais velha, Vonetta.

Numa noite de setembro de 1995, Blake começou a mancar na

quadra de basquete. Como a dor não passava – e nenhum médico conseguia determinar o que estava errado –, um Stoudemire preocupado lhe pediu que “pegasse o primeiro avião até Atlanta”. Lá os médicos confirmaram que Blake tinha a doença de Lou Gehrig, na qual os nervos se degeneram. Uma sentença de morte.

Agora era Stoudemire quem oferecia conforto e conselho, falando com Blake quase diariamente. Ele ajudou o amigo a preparar o testamento e reservou do próprio bolso um fundo para os estudos de B. J.

Em outubro de 1997 Stoudemire visitou o amigo no hospital. Quase paralisado, Blake mal conseguiu levantar as mãos para cumprimentá-lo. Mas Stoudemire ainda podia ver claramente o brilho do espírito de Blake.

– Zeke, há algo que sempre lhe quis dizer – sussurrou Blake.

Stoudemire inclinou-se para perto dele.

– Você é o pior jogador que já conheci.

Stoudemire sorriu e disse que já esperava aquilo.

– Tudo bem – tranqüilizou-o Boyce. – Mesmo assim vou reservar lugar para você na mesa lá de cima.

A respiração de Blake era superficial quando ele adormeceu. Stoudemire soltou-lhe suavemente as mãos – aquelas mãos que tantas vezes se haviam estendido para ele quando garoto, ensinando-o a pescar ou defendendo-o de algum valentão. As mãos que o tocaram quando ele ficou paralítico de corpo e espírito.

Bem, amigo, sempre estivemos lado a lado, não é? Suas mãos podem ter perdido a força, mas a nossa amizade e a lembrança de nossa coragem vão ficar comigo para sempre.

---

*Boyce Blake morreu horas depois. Desde então, Stoudemire desenvolveu tumores malignos, porém, após algumas cirurgias e tratamento com vacina experimental, seu prognóstico é promissor.*

---

## CORRENDO DA CHUVA?



Dizem os cientistas da meteorologia que não adianta correr para se proteger da chuva, pois, embora uma corrida signifique passar menos tempo na chuva, você ficará igualmente molhado no final.

O meteorologista Stephen Belcher, da Universidade de Reading, explica: “Os pingos da chuva podem cair diretamente sobre a cabeça da pessoa ou, quando a pessoa se mover, encontrar-se diretamente com ela.” Como a área da superfície da frente de um indivíduo é muito maior do que a da cabeça e dos ombros, fica-se mais molhado. Portanto, você se molhará mais se correr da chuva.

– ROGER HIGHFIELD em *The Daily Telegraph, Inglaterra*

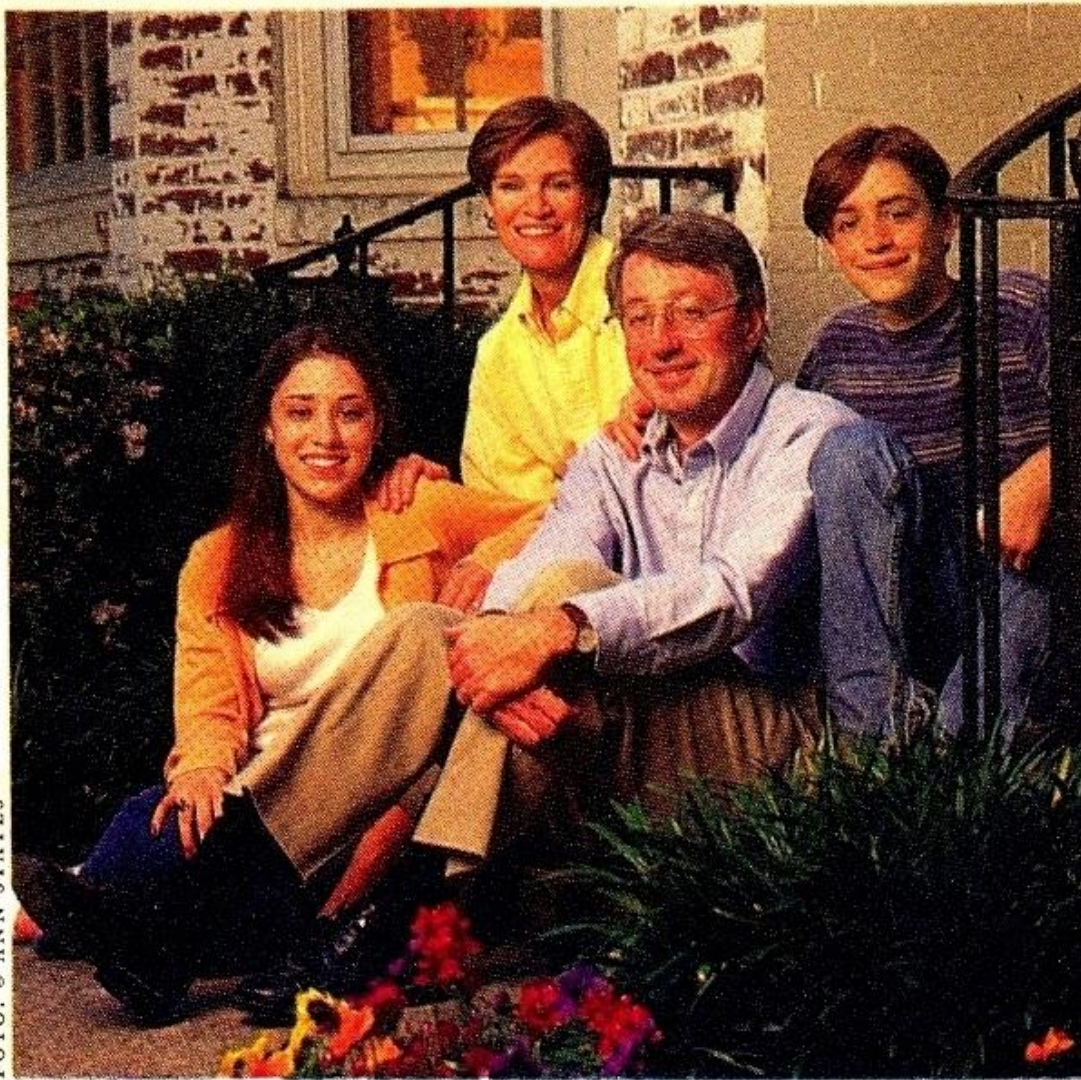


FOTO: © ANN STATES

**A Força da Família-** Stoudemire com a esposa, Sue, e os filhos Anna e Will.